

Tecendo redes de cuidado e pertencimento: Um olhar sustentável para a saúde mental e inclusão na universidade

Hillary Gonçalves¹, Kerley dos Santos Alves², Fabrício Pascoa³, Ângela Leão Andrade⁴

¹Graduanda em Turismo. Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), 35400-000, Ouro Preto/MG, Brasil

²Docente no Programa de Pós Graduação em Sustentabilidade Socioeconômica Ambiental e no Programa de Pós Graduação em Turismo e Patrimônio. Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), 35400-000, Ouro Preto/MG, Brasil

³Graduando em Turismo. Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), 35400-000, Ouro Preto/MG, Brasil

⁴Docente no Programa de Pós-Graduação em Sustentabilidade Socioeconômica Ambiental e no Programa de Pós Graduação em Química. Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), 35400-000, Ouro Preto/MG, Brasil

*E-mail da autora correspondente: hillaryfreitas58@gmail.com

Submetido em: 01 fev. 2025. Aceito em: 23 abr. 2025

Resumo

Diante do crescente impacto da discriminação na saúde mental de estudantes universitários, foi proposto o projeto de extensão universitária "Discriminação e sofrimento psíquico: ao acolhimento e sentimento de pertença na Universidade", desenvolvido na Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). O objetivo principal do artigo é apresentar o projeto, que visa oferecer ações de acolhimento, e conhecer a percepção dos estudantes sobre essas ações e o ambiente universitário como um todo. A metodologia emprega revisão bibliográfica, análise descritiva de dados quantitativos e qualitativos coletados por questionário e atividades de escuta. Os resultados indicam que a discriminação se manifesta em diversos espaços universitários, com sérias implicações para o bem-estar psicológico e o progresso acadêmico. Além disso, a pesquisa evidencia que uma parcela significativa de estudantes participantes da pesquisa, desconhecem ou não confiam nas políticas institucionais de inclusão. Esses achados reforçam a urgência de ações afirmativas, abordagens interseccionais e estratégias institucionais que promovam um ambiente universitário mais acolhedor, equitativo e sustentável.

Palavras-chave: Discriminação, Sofrimento Psíquico, Acolhimento, Sentimento de Pertencimento, Sustentabilidade, Universidade.

Abstract

Weaving networks of care and belonging: A sustainable perspective on mental health and inclusion in the university

Given the growing impact of discrimination on the mental health of university students, the university extension project "Discrimination and Psychological Distress: Toward Welcoming and a Sense of Belonging at the University" was proposed and developed at the Federal University of Ouro Preto (UFOP). The main objective of this article is to present the project, which aims to offer welcoming initiatives and to understand students' perceptions of these actions and the university environment as a whole. The methodology employs a literature review, descriptive analysis of quantitative and qualitative data collected through questionnaires, and listening

activities. The results indicate that discrimination manifests in various university spaces, with serious implications for psychological well-being and academic progress. Furthermore, the research highlights that a significant portion of the participating students are unaware of or do not trust institutional inclusion policies. These findings reinforce the urgency of affirmative actions, intersectional approaches, and institutional strategies that foster a more welcoming, equitable, and sustainable university environment.

Keywords: Discrimination, Psychological Distress, Welcoming, Sense of Belonging, Sustainability, University.

Introdução

A universidade, como espaço de produção de conhecimento e formação de futuros líderes, deve ser também um ambiente de acolhimento e respeito à diversidade. No entanto, a realidade acadêmica muitas vezes se distancia desse ideal, com a discriminação emergindo como um obstáculo significativo ao bem-estar e desenvolvimento integral dos estudantes quando ocorre a discriminação racial de fato a grupos minoritários, mas ela é ignorada, é marcada pela ausência da intenção de discriminar pessoas (Almeida, 2019).

É notório que a discriminação racial e o racismo, adentram a realidade universitária de diversas formas e em diferentes contextos (Rocha, 2020). A discriminação, seja por motivos de raça, gênero, orientação sexual, classe social ou outras diferenças, causa sofrimento psíquico e impacta negativamente a trajetória acadêmica (Crenshaw, 1989; Fanon, 1978). Esse cenário evidencia a urgência de ações que promovam a inclusão e a saúde mental, e que compreendam como os estudantes percebem as iniciativas de acolhimento oferecidas pelas instituições.

Diante desse contexto, este artigo apresenta o projeto "Discriminação e sofrimento psíquico: Ao acolhimento e sentimento de pertença na Universidade", uma iniciativa vinculada ao Programa de Incentivo à Diversidade e Convivência (PIDIC) da Pró-reitoria de Assuntos Comunitários e Estudantis (PRACE) da

Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). O projeto, fundamentado na premissa de que a discriminação afeta o bem-estar físico e mental, e o desempenho acadêmico, busca promover o acolhimento e despertar o sentimento de pertencimento em um ambiente universitário inclusivo. Para isso, investiga a discriminação e seu impacto no sofrimento psíquico de estudantes, com o intuito de transformar a universidade em um espaço de cuidado e desenvolvimento integral para todos. O objetivo desta comunicação é apresentar o projeto que visa oferecer ações de acolhimento, mas também conhecer a percepção dos estudantes sobre essas ações e o ambiente universitário como um todo.

A pesquisa bibliográfica aprofundada estabelece o alicerce teórico, enquanto a realização de grupos focais e rodas de conversa (presenciais e virtuais) proporcionam um espaço para que os estudantes expressem suas percepções e experiências. A Figura 1 mostra os eventos realizados pelo projeto sobre temas como discriminação, saúde mental e acolhimento na comunidade universitária. No ano de 2024 o projeto desenvolveu atividades abordando temas essenciais como ansiedade, luto, autolesão não suicida, *bullying* e *cyberbullying*, direitos LGBTQIA+, racismo e exclusão social.



Figura 1. Ações realizadas em 2024.

Essas ações demonstram o compromisso do projeto em lidar com as diversas formas de sofrimento psíquico decorrentes da discriminação, e em construir uma universidade mais equitativa. Inspirado nos princípios da sustentabilidade social, que englobam a garantia de direitos, a promoção da igualdade e o respeito à diversidade, o projeto busca não apenas mitigar os efeitos da discriminação, mas também fomentar uma cultura de acolhimento e pertencimento, essencial para o desenvolvimento pleno dos membros da comunidade acadêmica.

Conforme aponta Antas (2023), é fundamental que as universidades promovam ações afirmativas, práticas inclusivas e relações horizontais entre os diferentes atores da comunidade acadêmica. Dessa forma, o projeto se insere no esforço coletivo para a construção de uma universidade que, de fato, acolha e valorize a diversidade em todas as suas manifestações, enfatizando a importância da participação da comunidade universitária em todas as etapas do projeto, assegurando que as ações sejam relevantes e eficazes.

Sustentabilidade social e a urgência do acolhimento na universidade

A sustentabilidade social, como conceito, nos convida a repensar as dinâmicas sociais e institucionais, promovendo a inclusão e a justiça social. Santos (2018) afirma que os efeitos psicológicos provocados pelo racismo moldam a conduta, a maneira, o pensamento e os sentimentos do sujeito.

Segundo Villaça e Palacios (2010), no contexto escolar, o termo *bullying* ou vitimização descreve a exposição repetida e crônica de um estudante a atos negativos de parte de um ou mais estudantes. Esta realidade se estende ao ensino superior, com casos de discriminação e violência que, mesmo que informais, afetam a saúde mental e o bem-estar dos estudantes.

A complexidade da discriminação exige uma abordagem teórica que leve em consideração as diferentes formas em que ela se manifesta e se cruza. A interseccionalidade, conceito central na obra de Kimberlé Crenshaw (1989), nos permite entender como raça, gênero, classe e outras categorias se entrelaçam, gerando experiências únicas de marginalização e sofrimento.

Ademais, a obra de Frantz Fanon (1978) é fundamental para a compreensão dos efeitos da discriminação no desenvolvimento da identidade e na saúde mental. Fanon nos mostra como o racismo e outras formas de opressão colonial internalizam-se, causando sofrimento psicológico e dificultando a construção de uma identidade plena. Sua análise, conforme explorada por Butts (1979) e Keller (2007), revela a urgência de se desconstruir as estruturas de poder que perpetuam a discriminação e o preconceito.

De acordo com Amarante (2007), no percurso, surgem desafios a serem enfrentados como a presença de diferentes atores sociais, com interesses, ideologias e visões de mundo

conflitantes. Também envolve concepções teóricas, religiosas, éticas, étnicas e de pertencimento. Assim, um processo social complexo se configura como um entrelaçamento de dimensões simultâneas, que ora se complementam, ora se chocam. Esse dinamismo gera pulsações, paradoxos, contradições, consensos e tensões.

Nessa direção, Walsh (2009) apresenta uma "pedagogia decolonial", marcada por uma "interculturalidade crítica", aproximando Fanon de Paulo Freire (1978). Para Walsh, é necessário um enfrentamento da desumanização provocada pela opressão colonial, pautada na esperança como necessidade ontológica. A partir da leitura de Ferreira (2015), observa-se que os ambientes educacionais ainda não estão preparados para lidar com a diversidade de expressões de gênero e sexualidade, necessitando de espaços de acolhimento e diálogo para superação dessa lacuna.

Para Antas (2023), as ações de sensibilização, informação e orientação sobre adoecimento mental no ambiente acadêmico, com foco em transtornos mentais e sofrimento psíquico, podem contribuir para a redução do preconceito e a construção de representações sociais mais inclusivas.

Conforme destaca Moreira et al. (2019), embora as universidades contribuam para o desenvolvimento regional e promovam a formação de diversos profissionais nas mais variadas áreas de conhecimento, é extremamente necessário que a instituição seja promotora de qualidade de vida para gerar uma repercussão positiva na vida acadêmica do aluno.

Cabe apontar ainda que a educação, conforme argumenta Morin (2011), tem a função de atribuir valores e auxiliar no enfrentamento da pobreza, desigualdades e violência. No entanto,

diversas universidades, com suas práticas antigas e tradicionais, enfrentam dificuldades para promover essas mudanças, dificultando as relações de reciprocidade.

É nesse sentido que se faz urgente a implementação de ações que promovam o acolhimento e a valorização da diversidade. O sofrimento psíquico, decorrente da discriminação, não é apenas uma questão individual, mas um problema social que exige ações coletivas e institucionais. Sendo assim, é possível criar uma ponte que ligue o projeto às diversas experiências e que as fortaleça, a partir das vivências de cada indivíduo, com base em uma ética de respeito e afeto que envolva todos os atores sociais da Universidade. Essas ações visam criar uma universidade mais responsiva às necessidades dos estudantes.

Metodologia

A metodologia empregada neste estudo é de natureza mista, combinando abordagens quantitativas e qualitativas, buscando uma compreensão abrangente do fenômeno da discriminação e seu impacto na saúde mental dos estudantes universitários. Conforme Santos Filho (1995) remeter a discussão sobre pesquisa quantitativa e qualitativa compreende se deparar com perspectivas paradigmáticas que se caracterizaram historicamente por duas visões de mundo, que balizaram a ciências sociais nos últimos tempos, quais sejam: a realista-objetivista e a visão idealista-subjetivista.

A primeira etapa consistiu em uma pesquisa bibliográfica aprofundada, que teve como objetivo mapear o estado da arte sobre a temática e fundamentar teoricamente o projeto. Para Andrade (2010, p. 25):

A pesquisa bibliográfica é habilidade fundamental nos cursos de graduação, uma

vez que constitui o primeiro passo para todas as atividades acadêmicas. Uma pesquisa de laboratório ou de campo implica, necessariamente, a pesquisa bibliográfica preliminar. Seminários, painéis, debates, resumos críticos, monográficas não dispensam a pesquisa bibliográfica. Ela é obrigatória nas pesquisas exploratórias, na delimitação do tema de um trabalho ou pesquisa, no desenvolvimento do assunto, nas citações, na apresentação das conclusões (Andrade, 2010, p. 25).

Em seguida, foi aplicado um questionário online, via Google Forms, com 26 perguntas de múltipla escolha, direcionado a estudantes de diferentes cursos de graduação regularmente matriculados no primeiro semestre do ano letivo de 2025 da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Os estudantes foram convidados a participar por meio de divulgação nas redes sociais e nos grupos de comunicação da universidade, garantindo a privacidade e o anonimato dos participantes. Foram apanhadas 22 respostas ao questionário, sendo essas respostas fundamentais para compreender a percepção dos estudantes em relação à inclusão, discriminação e políticas de acolhimento da instituição.

A aplicação teve como objetivo coletar dados sobre as experiências de discriminação, seu impacto no bem-estar psicológico e as percepções sobre o acolhimento oferecido pela universidade. As perguntas abordaram temas como identidade dos participantes (gênero, raça/cor, faixa etária e curso), experiências pessoais de discriminação dentro do ambiente acadêmico, locais onde essas situações ocorreram, sentimentos gerados por essas vivências (como insegurança e baixa autoestima), formas de enfrentamento adotadas pelos estudantes e percepção sobre as políticas

institucionais de inclusão e combate à discriminação.

A análise dos dados quantitativos foi realizada por meio de estatística descritiva. Segundo Gil (1999), as pesquisas descritivas têm como finalidade principal a descrição das características de determinada população ou fenômeno, ou o estabelecimento de relações entre variáveis.

Os dados quantitativos foram analisados por meio de estatística descritiva, que envolve o cálculo de frequências, porcentagens e médias, a fim de sintetizar e apresentar os principais padrões e tendências encontradas nos dados. Para isso, utilizamos a metodologia de Análise de Conteúdo que Bardin (1977, p. 42) define como

[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

Resultados e Discussão

O instrumento de coleta de dados foi a elaboração de um questionário contendo 26 perguntas de múltipla escolha, onde o aluno levava cerca de 7 minutos para responder. O questionário "Vamos Falar Disso?", buscou compreender a percepção dos estudantes sobre a inclusão, a equidade e os desafios enfrentados no ambiente universitário. Foram coletadas informações acerca de identidade, experiências de discriminação, impacto no bem-estar psicológico e sugestões para melhoria do ambiente acadêmico.

Os participantes incluíram estudantes de graduação e pós-graduação na Universidade Federal de Ouro Preto, abrangendo diferentes cursos e semestres. A faixa etária variou entre 18

e mais de 30 anos, com maior incidência na categoria de 21 a 25 anos. A diversidade de gênero, raça/cor e condições socioeconômicas também se fez presente.

Ao analisar os sentimentos relatados pelos participantes, observou-se que um número expressivo de estudantes enfrenta insegurança e baixa autoestima devido a experiências de discriminação e exclusão. A maioria dos participantes relatou lidar com esses sentimentos frequentemente ou sempre, reforçando a necessidade de um suporte institucional mais estruturado, que inclua ações efetivas de acolhimento psicológico, canais acessíveis de denúncia e medidas de conscientização sobre a discriminação e seus impactos no ambiente acadêmico.

Na Figura 2, quando questionados sobre a inclusão e a sustentabilidade social dentro da universidade, 50% dos estudantes percebem que seus cursos promovem um ambiente inclusivo. No entanto, 31,8% desconhecem ou têm incerteza sobre práticas de equidade, evidenciando uma lacuna na comunicação das ações institucionais. Além disso, 18,2% não souberam opinar sobre iniciativas sustentáveis de inclusão. Esses dados sinalizam que a universidade precisa intensificar seus esforços na divulgação e implementação de políticas inclusivas, conforme destacado por Moreira et al. (2019), mostrando que a promoção da qualidade de vida e a sustentabilidade são essenciais.

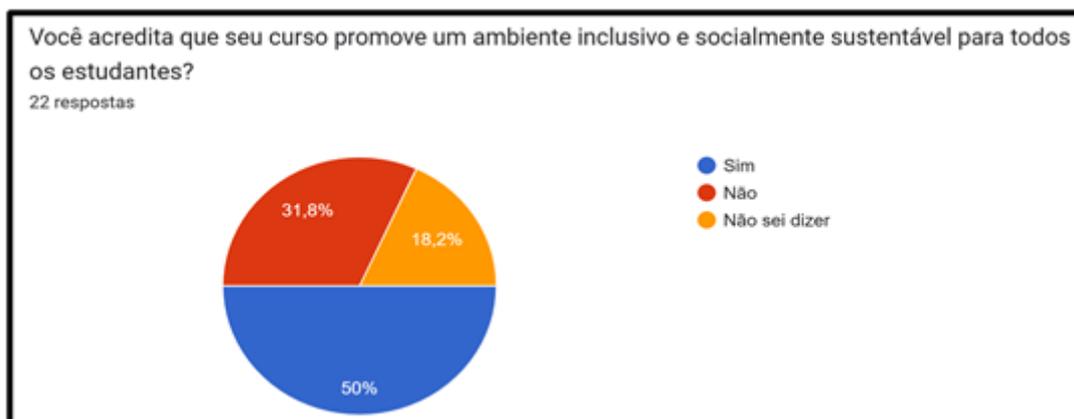


Figura 2. Gráfico de inclusão e sustentabilidade social dentro da universidade.

Fonte: elaborado pelos autores (2025).

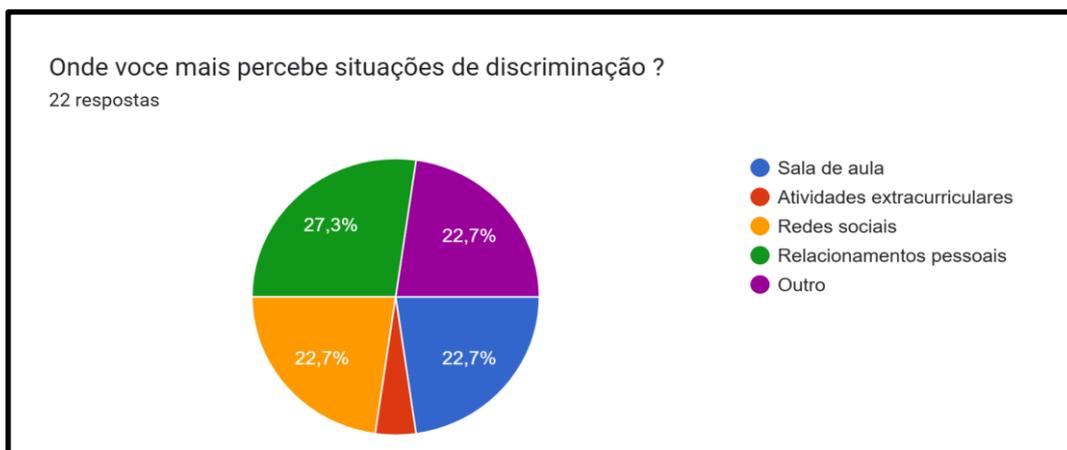


Figura 3. Gráfico de locais que ocorrem situações de discriminação.

Fonte: elaborado pelos autores (2025).

A Figura 3, demonstra que a discriminação ocorre em diversos espaços da universidade, como relacionamentos pessoais (27,3%), salas de aula (22,7%) e redes sociais (22,7%). Esses dados revelam a necessidade de abordagens multifacetadas para combater a discriminação, com ações que vão além do ambiente formal de sala de aula e que incluam a sensibilização sobre o uso das redes sociais e o respeito nas relações interpessoais. Segundo Villaça e Palacios (2010), a discriminação e o *bullying* não se limitam aos espaços físicos, mas se estendem às interações *online*, demandando ações que acompanhem essa dinâmica.

Na Figura 4, quando confrontados com situações de discriminação, os resultados apontam que 47,6% dos estudantes ignoram situações de discriminação, o que pode indicar uma falta de confiança nas vias institucionais para denúncia e resolução de conflitos. Apenas 14,3% buscam apoio em amigos e familiares e 9,5% buscam apoio psicológico, o que revela uma necessidade de ampliar o acesso ao suporte profissional. É preciso, portanto, criar canais de apoio acessíveis, que incentivem os estudantes a buscar ajuda ao invés de ignorar o problema, como recomendado por Antas (2023), que defende a criação de ações que reduzam o preconceito e promovam espaços inclusivos.

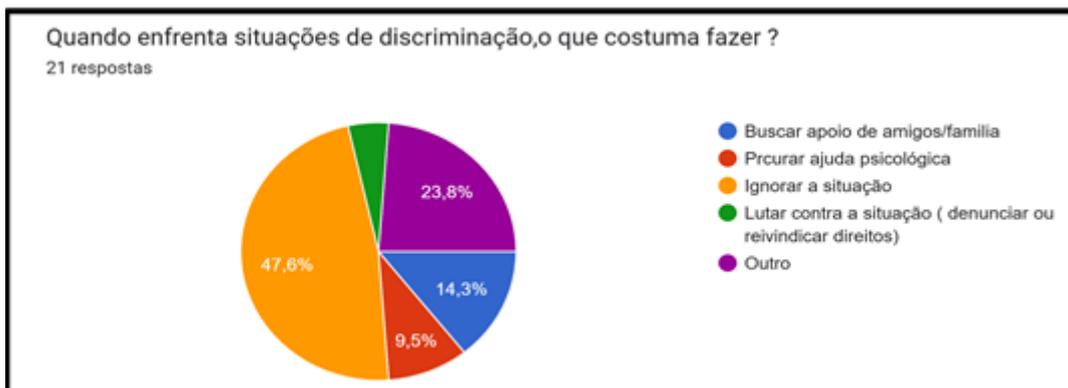


Figura 4. Gráfico de como enfrentam as situações de discriminação.

Fonte: elaborado pelos autores (2025).

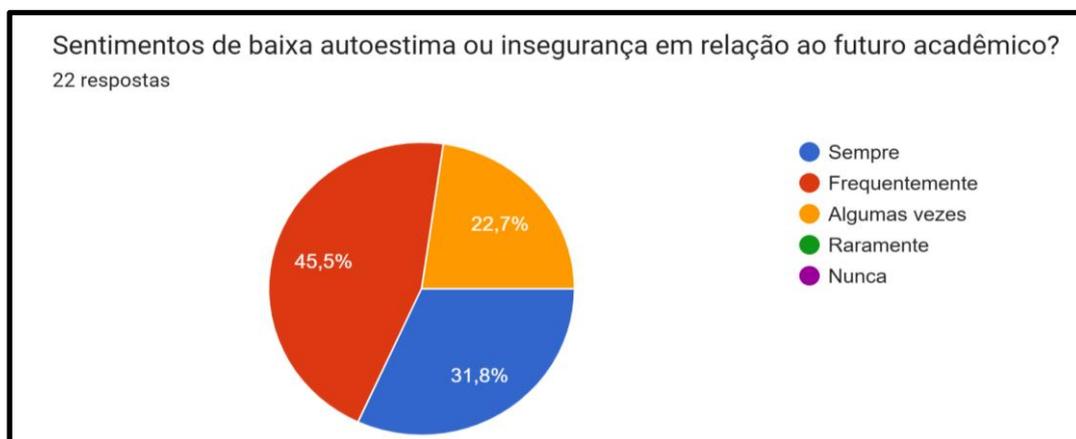


Figura 5. Gráfico de sentimentos de baixa autoestima ou insegurança em relação ao futuro acadêmico.

Fonte: elaborado pelos autores (2025).

Na Figura 5, os estudantes expressaram qual a frequência de sentimentos de baixa autoestima e insegurança em relação ao futuro acadêmico. Uma parcela significativa dos estudantes (45,5%) lida frequentemente com sentimentos de baixa autoestima e insegurança em relação ao futuro acadêmico, enquanto 31,8% sempre enfrentam esses sentimentos. Esse dado reforça o impacto negativo da discriminação no bem-estar psicológico e na trajetória acadêmica dos estudantes.

Na Figura 6, os estudantes disseram sobre a universidade ter políticas públicas eficazes contra

a discriminação. Dentre os participantes da pesquisa, metade dos estudantes (50%) não sabe se a universidade possui políticas públicas eficazes contra a discriminação, o que sugere uma comunicação ineficaz das ações institucionais. Somente 27,3% têm ciência da existência dessas políticas e 22,7% acreditam que elas não são eficazes. Esse resultado demonstra a necessidade de aprimorar a divulgação, implementação e avaliação das políticas antidiscriminação, para que elas sejam realmente efetivas na prática.

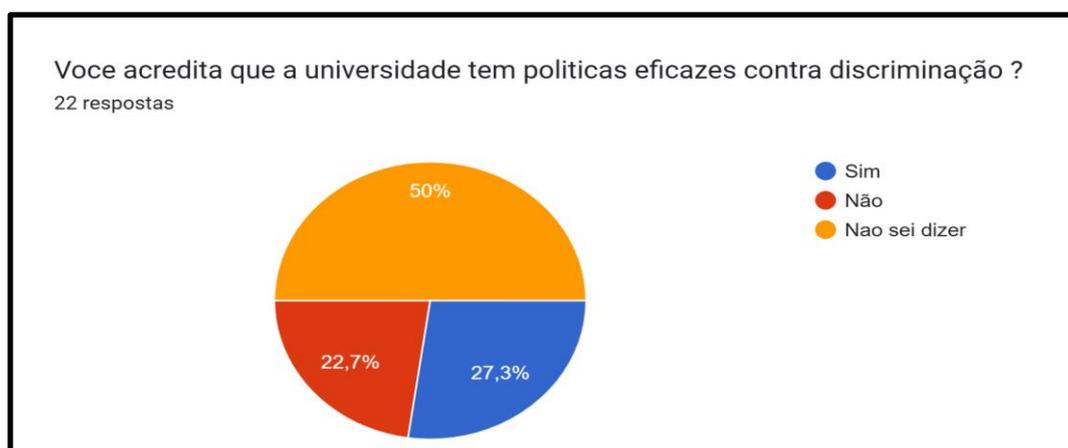


Figura 6. Gráfico de políticas eficazes contra a discriminação nas universidades.

Fonte: elaborado pelos autores (2025)

A análise dos dados coletados por meio do questionário "Vamos Falar Disso?" revela um cenário complexo no ambiente universitário estudado. Longe de apresentar resultados isolados, a pesquisa tece uma intrincada rede de desafios relacionados à inclusão, discriminação e sofrimento psíquico, sinalizando a urgência de ações transformadoras.

Embora uma parte dos estudantes percebam o ambiente de seus cursos como inclusivo, a pesquisa revela um paradoxo: uma parcela expressiva desconhece ou tem incertezas sobre as práticas de equidade existentes no ambiente

universitário. A pesquisa evidencia que a discriminação não se limita a espaços específicos, mas se manifesta em diversos âmbitos da vida universitária, desde relacionamentos pessoais até a sala de aula e os ambientes virtuais. Esse dado, de extrema importância, sinaliza uma realidade multifacetada, que exige abordagens abrangentes e integradas, em sintonia com as reflexões de Villaça e Palácios (2010) sobre *bullying* e vitimização. A disseminação da discriminação em diferentes esferas da vida acadêmica exige ações que vão além de campanhas pontuais e que envolvam a sensibilização, o debate, a formação

continuada e o monitoramento constante do clima organizacional, desconstruindo a ideia de que a universidade seja um ambiente imune a tais práticas.

Nesse sentido, a abordagem interseccional proposta por Crenshaw (1989) se torna ainda mais relevante, pois as diversas formas de discriminação se sobrepõem e criam experiências singulares de sofrimento psíquico, demandando olhares diferenciados e atentos para cada indivíduo. A análise das reações à discriminação aponta que muitos estudantes optam por ignorar as situações de preconceito, o que pode indicar uma falta de confiança nos canais de denúncia e de apoio da instituição. A busca por suporte psicológico ainda é limitada, o que sinaliza a necessidade urgente de intensificar o acesso a esse tipo de atendimento. Essa constatação se conecta com os dados alarmantes sobre os sentimentos de baixa autoestima e insegurança em relação ao futuro acadêmico, apontados por grande parte dos estudantes participantes.

A pesquisa revela ainda, um cenário de desafios complexos e interligados, mas, também, aponta caminhos para a transformação. A universidade deve se posicionar como um espaço de transformação social. É necessário que as próximas pesquisas sejam realizadas com amostras mais abrangentes e diversas, incluindo análises longitudinais para avaliar o impacto das ações implementadas ao longo do tempo. Além disso, o monitoramento constante das dinâmicas do ambiente acadêmico é fundamental, para que as ações sejam adaptadas às necessidades de sua comunidade.

Conclusão

O projeto "Discriminação e sofrimento psíquico: Ao acolhimento e sentimento de pertença na Universidade" representa um esforço

concreto para transformar a realidade universitária, promovendo um ambiente mais justo, inclusivo e sustentável. Ao adotar uma abordagem interdisciplinar e participativa, o projeto visa não apenas a mitigar os efeitos da discriminação, mas também a construir uma cultura de cuidado e pertencimento, essencial para o desenvolvimento integral de todos os membros da comunidade acadêmica.

As reflexões e os dados obtidos na pesquisa reforçam a necessidade urgente de ações concretas para combater as desigualdades estruturais e os preconceitos presentes no ambiente acadêmico. Isso inclui o fortalecimento de políticas institucionais de inclusão, a ampliação de espaços de acolhimento psicológico, além de estratégias educacionais que promovam a conscientização e a valorização da diversidade dentro da universidade.

Dessa forma, os resultados da pesquisa evidenciaram que a discriminação se manifesta em diversos espaços universitários, afetando significativamente o bem-estar psicológico e o desempenho acadêmico dos estudantes. Muitos participantes afirmaram insegurança e baixa autoestima decorrentes de experiências discriminatórias, sendo que quase metade ignora essas situações, o que sugere uma falta de confiança nos canais institucionais de denúncia e apoio.

Além disso, a pesquisa revela um desconhecimento generalizado sobre as políticas institucionais de inclusão, diminuindo falhas na comunicação e na implementação dessas ações. Esses resultados reforçam a necessidade urgente de estratégias mais eficazes para promoção de um ambiente acadêmico acolhedor, sustentável e equitativo, alinhadas a abordagens interseccionais e ações afirmativas. Consolidamos a visão de uma universidade acolhedora que valoriza a

diversidade como pilar fundamental na instituição. O diálogo interdisciplinar e as práticas participativas são ferramentas principais para alcançar os objetivos de desenvolver políticas públicas, garantir a aplicação de ações afirmativas e inspirar uma transformação através de um olhar sustentável.

Diante do cenário atual, o conceito de sustentabilidade social, central nesse trabalho, amplia a visão sobre a inclusão, mostrando que acolher a diversidade não é apenas uma questão moral, mas sim uma prática indispensável.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, S. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019. 264 p. ISBN 978-85-98349-75-6.

AMARANTE, P. **Saúde mental e atenção psicossocial**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2007.

ANDRADE, M. M. **Introdução à metodologia do trabalho científico**: elaboração de trabalhos na graduação. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

ANTAS, K. C. **Transtorno mental e sofrimento psíquico no contexto universitário: uma análise à luz das representações sociais e do preconceito**. 2023. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2023. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/30213?locale=pt_BR. Acesso em: 24 jan. 2025.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BUTTS, H. F. Frantz Fanon's contribution to psychiatry: the psychology of racism and colonialism. **Journal of the National Medical Association**, v. 71, n. 10, p. 1015-1018, 1979.

CRENSHAW, K. Demarginalizing the intersection of race and sex: A black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics. **University of Chicago Legal Forum**, n. 1, p. 139-167, 1989.

FANON, F. **Black skin, white masks**. New York: Grove Press, 1978. (Original work published 1952).

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

KELLER, R. C. Clinician and revolutionary: Frantz Fanon, biography, and the history of colonial medicine.

Bulletin of the History of Medicine, v. 81, n. 4, p. 823-841, 2007.

MOREIRA, M.; JÚNIOR, F.; CÂNDIDO, J. **Saúde mental e sustentabilidade no ambiente universitário**: desafios e proposições. Fortaleza: EEdUECE, 2019. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/616390221>. Acesso em: 25 jan. 2025.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2011.

ROCHA, R. R. de S. **A UNE e a questão racial**. 2020. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2020.

SANTOS FILHO, J. C. **Pesquisa quantitativa versus pesquisa qualitativa: o desafio paradigmático**. In: SANTOS FILHO, J. C.; GAMBOA, S. S. (Org.). **Pesquisa educacional: quantidade-qualidade**. São Paulo: Cortez, 1995

SANTOS, J. A. dos. Sofrimento psíquico gerado pelas atrocidades do racismo. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, v. 10, n. 24, p. 148-165, 2018. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/578>. Acesso em: 6 mar. 2025.

VILLAÇA, F. de M.; PALACIOS, M. Concepções sobre assédio moral: bullying e trote em uma escola médica. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 34, n. 4, p. 506-514, 2010. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-52712010000400005&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 01 fev. 2025.

WALSH, C. **Interculturalidade crítica e pedagogia decolonial**: in-surgir, re-existir e re-viver. In: CANDAU, V. M. (Org.). **Educação intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009. p. 12-43.